

Experiência moral e emoções: notas para uma sociologia do ressentimento

GT 26- Sociologia do corpo e as emoções

Simone Magalhães Brito (UFPB)

Resumo:

A partir de uma breve discussão sobre o ressentimento em Nietzsche, são identificados três dos ‘herdeiros’ de sua problematização dos valores na Sociologia: Weber, Elias e Adorno. A ideia é mostrar como o problema do ressentimento é transformado numa perspectiva sobre a natureza da ação social. Com isso, pretendo: (1) revelar as conexões entre ressentimento e conflito, (2) analisar como um certo ‘objetivismo’ tentou subsumir as dimensões da emoção e moralidade da teoria da ação social, e (3) demonstrar a centralidade do problema das emoções e da experiência moral para a teoria sociológica. Como resultado do argumento, pretendo esboçar os elementos e limites para a construção de uma sociologia do ressentimento.

Palavras-Chave: moralidade, ressentimento, experiência

É da experiência moral contemporânea não duvidar que o ressentimento precisa ser eliminado de nossas vidas. Ao dizer “*Porque me fiz tanto de ressentimentos Que o melhor é partir. E te mandar escritos*” Hilda Hilst exprime com ironia o fato de que não há lugar para os que trazem as marcas do ressentimento, e o fato de que um ressentido ainda possa ‘mandar escritos’ deixa muito claro que o principal problema é o sentimento ter se tornado visível. Também são inúmeras as comparações do ressentimento com chagas que se alastram e destroem a beleza e o corpo sadio. Em uma época onde as emoções precisam e devem ser expressas, só o ressentimento não tem direito à luz. O caráter abominável do ressentimento já foi tão naturalizado que raramente se questiona o porquê de sua expulsão dos códigos morais contemporâneos e de suas prescrições emocionais.

Portanto, partindo do interesse em compreender sociologicamente as diversas formas da experiência moral contemporânea, é importante entender o que é esse conjunto de ações, valores e emoções que organizam o sentido do ressentimento. Ainda que o problema permita muitos caminhos de pesquisa, este artigo propõe uma discussão bastante limitada, mas que pode oferecer elementos para pesquisa futura: como o problema filosófico do ressentimento foi tratado na Sociologia alemã do início do século XX. A ideia principal é tentar demonstrar o descompasso existente entre a atual regulação moral do ressentimento e sua efetiva presença na experiência. Em outros termos, o artigo demonstra que, pensando a partir dos modelos sociológicos de ação, o ressentimento ou ação ressentida é normal e intrínseca à modernidade.

1. Ressentimento: “bebendo veneno para esperar que o outro morra”¹

Qualquer tentativa de entender o ressentimento precisa começar por Nietzsche. Ele não criou o termo, mas é responsável por tornar esta espécie de ‘desordem’ um problema filosófico a partir do qual elaborou um diagnóstico da experiência moderna que está na base de uma importante parcela da Sociologia alemã e do pensamento crítico no século XX. É possível começar dizendo que o

¹ Ouvi essa definição do ressentimento num programa de TV americano. Infelizmente, não consegui descobrir ainda o autor.

ressentimento seria um mecanismo psíquico: um padrão pelo qual as pessoas reagem a certas experiências. Nesse sentido, seria um mecanismo ou um ‘padrão’ de natureza também física capaz de explicar a revolta moral ou sentimento próprio do escravo, do subalterno. Não se deve entender a idéia de Nietzsche apenas como uma escravidão no sentido histórico ou econômico, escravos seriam todos aqueles que estão num sentido metafórico de em uma má situação, porque outros – que estão bem- são poderosos os suficientes para impedir o seu bem-estar. De forma simplificada, o ressentimento seria um mecanismo capaz de inverter a ordem das coisas: os escravos ficam bem e os senhores são punidos de alguma forma.

Assim, o ressentimento sempre requer duas pessoas: não é apenas porque o escravo se sente mal, mas é especificamente porque ele se sente pior do que o seu senhor que ele toma essa vingança imaginária e condena seu senhor ao inferno. Para Nietzsche, o ressentimento é uma reação contrária ao desabrochar do ser humano. Num sentido mais geral, o ressentimento surge quando pessoas que estão numa má situação criam uma estória que inverte a ordem e faz com que elas se sintam bem.

A raposa de La Fontaine é um exemplo: ela vê as uvas, sabe que elas estão maduras, mas como não as pode alcançar, prefere dizer que elas estão verdes. Na história de que as uvas estão verdes, a raposa fica numa posição melhor do que ela realmente está. A raposa da fábula representa os elementos do ressentimento em Nietzsche: infelicidade, desejo de melhora ou superação, incapacidade de realizar essa melhora e a criação de uma estória falsa onde as coisas se resolvem. Ou seja, o ressentimento é o resultado de uma tentativa de compensação através de uma vingança imaginária. Contudo, os agentes não sabem que essa vingança é imaginária: há uma dimensão de crença. Mas, por que alguém acreditaria numa história que parece não ter conexão com a realidade? A resposta está no sofrimento. As pessoas que sofrem e desejam mas não conseguem nem podem eliminar seu sofrimento constroem as justificações que dominam nossa moralidade.

Nesse sentido, na perspectiva Nietzscheana, podemos dizer que o ressentimento é resultado de um desejo de vingança que não se pode realizar. Também resultado da incapacidade de lidar com o sofrimento e mesmo com a dor de não poder ter o que se deseja. É o sofrimento sem esperança de alívio que envenena a vida. E aqui essa ideia do envenenamento é interessante porque, para Nietzsche, se os nobres sentem a mesma frustração, eles reagem imediatamente a ela e ao reagirem enfrentam a vida. É a incapacidade geral do escravo em reagir, como quem se envenena e não consegue jamais expelir o veneno, leva a um corromper geral da vida.

2. Adorno e o animal racional

No caminho das leituras de Nietzsche, dos autores indicados, Adorno é quem talvez deixe mais evidente sua dívida intelectual. A *Dialética do Esclarecimento* apresenta também uma genealogia da moral: uma genealogia das formas patológicas da moral contemporânea. Nesta genealogia é identificado o processo pelo qual a razão opera uma radical separação entre trabalho e vida intelectual, abrindo caminho para o estranhamento entre a ‘vida animal da espécie’ e o espírito.

Assim, o problema apresentado por Adorno é que a cultura ocidental se desenvolveu num elogio aos artifícios da razão sem se perguntar ou desejar confrontar os efeitos da dominação e do auto-controle (que é o domínio de si) para a vida social. O fato de que os marujos têm os ouvidos tapados e remam enquanto Ulisses escuta o canto das sereias é visto de forma natural: como a necessidade da divisão do trabalho, num tom de divisão matemática em que cada parte levou o que é verdadeiramente seu. O que a leitura adorniana consegue é estranhar radicalmente o mito aproximando-o de nossa experiência contemporânea. A sensação de desmembramento e dor é apresentada à medida que os marujos são como os trabalhadores nas fábricas e Ulisses se depara com o sofrimento atroz e tão familiar ao sujeito moderno de estar deslocado, não poder se entregar ao seu desejo e ter que fazer renúncias dolorosas.

O mesmo caminho metafórico é empregado por Adorno na sua interpretação da constituição da lógica do sistema e, particularmente, na identificação da violência presente no idealismo. O argumento retoma uma imagem de um momento pré-espíritual, no sentido de uma vida animal da espécie anterior às formas intelectuais. Na *Dialética Negativa*, Adorno afirma:

“predadores são famintos; o salto sobre a presa é difícil e com frequência perigoso. Para que o animal se arrisque a dá-lo, ele necessita certamente de impulsos adicionais. Esses impulsos fundem-se com o desprazer da fome na fúria contra a vítima, fúria essa cuja expressão aterroriza e paralisa convenientemente. No progresso que leva até a humanidade, isso é racionalizado por meio de projeção. O *animal rationale* que tem apetite por seu adversário precisa, já detentor feliz de um supereu, encontrar uma razão”. (Adorno, 2009: 27)

Num momento pré-espíritual ou pré-sistema, o animal ‘racional’ precisa lidar ‘de forma racional’ com as poderosas emoções causadas pela fome. O incômodo da fome aliado à incerteza do momento da saciedade torna precária a situação do animal racional e confronta a própria estruturação de seu ego. Por isso, para conviver com essa situação e tornar-se aceitável, a raiva pela dor e carência é direcionada à vítima. Ao odiar a sua vítima, o animal caçador projeta todo seu incômodo num outro, um diferente, esse processo de projeção apazigua seu desconforto. No entanto, o mais fundamental desse argumento vem a seguir: “o ser vivo que se quer devorar precisa ser mau. Esse esquema antropológico sublimou-se até o cerne da teoria do conhecimento” (Adorno, 2009: 28). Se o animal racional simplesmente direcionasse seu desconforto para sua presa, haveria a possibilidade, ainda que remota, de sua racionalidade perceber o processo de projeção ou caráter interessado de sua justificativa. Mas, nesse caso o caráter da projeção do desconforto leva a que a presa, se se caracteriza como presa, precise ser má ou merecedora de seu destino. Numa lógica inversa a do sacrifício que se faz ao sagrado, a presa do animal racional deve ser a mais impura e perniciosa. A fome e carência que caracterizam a vida animal da espécie se tornam suportáveis à medida que sua presa (ou a alteridade) é considerada má e sua morte violenta se torna uma necessidade. Seguindo essa lógica, a vida animal dá lugar a uma forma espíritual (a justificação moral) à medida que transforma a sua presa (ou objeto) em uma ameaça. Claramente, Adorno segue o impulso e perspectiva nietzscheanos ao apresentar a origem do mundo espíritual no ressentimento do animal racional faminto.

Contudo, a imagem do animal adorniano também confronta Nietzsche no momento em que o ressentimento é sentido pelo mais forte. Não é o ser mais fraco que está buscando justificar sua fraqueza e por isso se ressent da força. Ao contrário, é o mais forte da relação que precisa de uma justificativa para sua própria violência. Quando o animal faminto quer superar seu desconforto e matar sua presa, o processo de justificação se dá através de uma inversão que inocenta o assassino e culpa a vítima. Os argumentos de justificação ou o direcionamento da experiência para fins exteriores à situação ‘permitem que o animal possa engolir sua vítima sem nenhum escrúpulo’. A partir dessa genealogia da vida animal, o autor pode afirmar que “no idealismo [...] vige inconscientemente a ideologia de que o não-eu, *l’autrui*, por fim tudo aquilo que evoca a natureza, é inferior” (Adorno, 2009: 28).

A vida do espírito, a imagem que sustenta o idealismo, surge no momento em que a natureza se transforma no ‘não-eu’. A construção desse mundo que se opõe à vida animal está baseada no exercício constante de justificar sua própria violência através do ressentimento pelo que se lhe opõe. Essa marca da origem termina por acompanhar toda lógica do sistema que justifica e sobrevive do horror cometido contra a diferença. No fragmento 68 de seu *Minima Moralia*, Adorno aponta para a ligação entre o instante que as vítimas são percebidas como diferentes, “mais morenas, mais sujas”, e a chave para o pogrom ou sua exclusão da humanidade:

“Decisivo para essa possibilidade é o instante em que o olhar de um animal ferido de morte atinge o homem. O desprezo com que ele se desfaz desse olhar-“afinal é apenas um animal”-repete-se

interminavelmente nas perversidades contra seres humanos, nos quais o agressor sempre de novo precisa se certificar do “apenas um animal” por que já no animal não conseguia acreditar inteiramente nisso” (Adorno,2008: 100)

O que ocorre nessa relação desequilibrada entre o predador e sua vítima é que, dada a sua força, o primeiro pode construir uma ordem de justificações para normalizar o seu ato. Os massacres são a forma compulsiva da normalização de relações desequilibradas. É interessante, diante de uma perspectiva moral, perceber que nas duas citações acima Adorno se refere ao animal: de um lado o animal racional, o predador, e do outro, o animal ferido ao qual se justifica o sofrimento pela sua própria condição de ser apenas um animal. É importante chamar aqui a atenção para alguns aspectos que são contribuições importantes para uma reflexão sobre o corpo e para a construção do pensamento moral. Primeiro, do ponto de vista material ou da experiência, temos dois animais: a tentativa de justificar a preponderância de um animal sobre o outro só pode existir através da predominância das formas violentas ou ressentidas do predador. Segundo, a possibilidade de matar os outros animais não se realiza naturalmente, mas tão somente através do exercício irracional (que já não se consegue mais acreditar) que independe das ações da vítima.

3. A normalização do Ressentimento

Na sociologia, o mecanismo do ressentimento descrito por Nietzsche foi também retomado de maneiras distintas por Weber, Elias. É preciso uma leitura particular de Weber, mas já podemos adiantar que, através de caminhos muito distintos, existem pontos de contato entre Elias e Adorno no momento que ambos consideram a compulsiva necessidade de normalização das relações desequilibradas.

Contudo, dentre os muitos problemas envolvidos na leitura nietzscheana do ressentimento, interessa-nos aqui perceber que, ao final, os ressentidos são indivíduos numa posição social particular: buscando legitimidade ou compensação devido a sua posição numa relação de dominação. Em todos esses leitores da filosofia nietzscheana podemos apontar a problematização das relações de conflito (ou competição em torno do status social) como sendo marcada por uma valorização dos significados construídos na interação entre os atores. Com isso, refiro a uma coisa aparentemente muito simples, mas que nessa discussão tem a sua relevância: o fato de que cada um desses sociólogos percebe o conflito a partir das micro-interações, do processo de construção de valores entre os atores e é dessas micro-relações que se pode explicar fenômenos mais amplos como o estado de nossa sociedade. Ou seja, eles não partem de uma categoria mais ampla, como classe por exemplo, para explicar o comportamento dos atores.

Ao final, o que quero indicar é algo muito simples: chamar atenção para o fato de que em nossa tradição sociológica a referência direta ao termo “ressentimento” quase desapareceu, talvez pelo próprio “ressentimento” da disciplina para com a filosofia moral. Contudo, o mecanismo original presente no pensamento nietzscheano: um processo em que atores, em posições diferentes diante da vida e da realização de seus desejos, elaboram justificativas para compreender, sobreviver a sua situação, parece estar presente em toda a tradição sociológica do conflito e interação. Nesse sentido, é preciso perceber dois aspectos básicos. Primeiro, que a sociologia trata mais do problema do ressentimento do que costumamos mencionar. Quero dizer: talvez o ressentimento não esteja disfarçado apenas dos sujeitos, mas o ressentimento também é algo disfarçado para os sociólogos. Segundo, o ressentimento talvez seja mais pervasivo na vida social do que queiramos ver. No senso comum, tratamos o ressentimento como algo desprezível, próprio de pessoas fracas e amargas: “uma exceção do nosso cotidiano”. Quando, na verdade, enquanto mecanismo de construção de valores, explicações e sentidos resultantes do conflito ou da incapacidade dos atores de realizar seus próprios

desejos ou de lidar com o sofrimento da existência, o ressentimento é um mecanismo fundante de nosso cotidiano.

Assim, num primeiro momento, podemos perceber alguns aspectos em comum entre os três leitores de Nietzsche que justificam a percepção de que teria ocorrido uma certa ‘normalização’ do ressentimento quando da ‘tradução’ sociológica dos problemas da filosofia moral:

1. Regulação da Ordem Social: O ressentimento seria um padrão de interação que permite a continuidade das posições discrepantes. Uma vez que o ressentido cria estórias de uma vida diferente e apenas se ‘envenena’ com ela, sendo incapaz de agir e desequilibra a ordem, este mecanismo serve como mantenedor da próspera situação de desequilíbrio. Caso a ordem fosse confrontada, ou desequilibrada, não seria mais ressentimento.
2. O ressentimento é um substrato necessários da ação, parte organizadora das relações sociais. Não é necessário no sentido de que nós precisamos dele, mas no sentido de que, dado o fato de o conflito ser inerente a nossa sociedade, esse sentimento sempre está presentes na ação.
3. Do ponto de vista de uma sociologia da moral, ou seja: de uma sociologia que busca compreender a busca do bem e da vida reta, é possível perceber o papel regulador do ressentimento. Se, por um lado, é reproduzido sofrimento e a dor, por outro, também se pode identificar a necessidade uma experiência distinta.

Nesse caminho, também o ressentimento se relaciona com a vida reta: tanto como tentativa de fuga da dor e do sofrimento, como busca de uma vida sem dor e sem sofrimento. E aqui estou usando uma perspectiva adorniana que inverte a lógica nietzscheana: o ressentimento também é resultado da busca da justiça. A moral dos escravos tem o seu momento de verdade à medida que busca a reparação. Ou seja, porque viemos num mundo desigual e de sofrimento, o ressentimento se desenvolve. E, na verdade, a raiva da vida que Nietzsche despreza é importante para Adorno porque podemos ver nela a representação do ódio a uma vida de sofrimento e podemos, quem sabe, a partir dela começar a pensar a necessidade uma vida inteiramente outra.

Falar em normalização do ressentimento não significa uma tentativa de torná-lo socialmente aceito, mas apenas desnaturalizá-lo ao demonstrar como este existe em conjunção com a manutenção da ordem. O seu possível aspecto moral mereceria mais atenção, mas posso resumir dizendo que nesse mecanismo se cumpre um papel afirmativo da ordem. Porém, nessa função afirmativa também se revela algo fundamental aos olhos da crítica: a patologia, as causas sociais do sofrimento e a necessidade de uma vida inteiramente outra.

É necessário perceber que características das sociedades modernas estão diretamente relacionadas à normalidade do ressentimento. A aparente fluidez das estruturas sociais, a falta de clareza entre os valores morais a serem seguidos e a propensão de certos grupos sociais em enfatizar a competição, ou seja, a valorização da competição e de padrões irrealizáveis de sucesso tem um efeito sobre o ressentimento. É possível agora dizer, após a explicação dessa perspectiva sociológica, que o discurso de culpabilização do indivíduo, a idéia corrente de que a dor e o sofrimento do ressentimento tem causas puramente individuais e que precisam ser tratadas individualmente, não se sustenta diante da percepção de como se constitui a ação nas sociedade modernas.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W. (1998): *Prismas. Crítica Cultural e Sociedade*. São Paulo: Ática.

ADORNO, T. W. (2000): *Problems of Moral Philosophy*. Cambridge: Polity Press

ADORNO, T. W. (2001): *Metaphysics: Concepts and problems*. Cambridge: Polity Press

ADORNO, T. W. (2006): *History and Freedom*. Cambridge: Polity Press

ADORNO, T. W. (2008): *Minima Moralia. Reflexões a partir da vida lesada*. Rio de Janeiro: Azougue.

ADORNO, T. W. (2009): *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Zahar.
 ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. (1985) *Dialética do esclarecimento. Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

BRITO, S. “*Vida falsa*”: *Adorno e a experiência moderna sob o ponto de vista da moral*. Revista Política & Trabalho, nº26, p. 57-83.

DELANTY, G. (Editor) 2004. *Theodor Adorno (Sage Masters in Modern Social Thought S.)* London; California, New Delhi: Sage.

ELIAS, N. (1994) *O processo civilizador*. Vol1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ELIAS, N. (1997) *Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ELIAS, N. (2009), “Figuration”, in *Essays III: on Sociology and the Humanities*, Dublin: University College Dublin Press.

NIETZSCHE, F. (2009). *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras.

ROSE, G. (1978) *The Melancholy Science. An introduction to the thought of Theodor W. Adorno*. London: MacMillan.

TIEDEMANN, R. (Ed). (2003) *Can one live after Auschwitz? A philosophical reader*. California: Stanford University Press.

WEBER, M.(2006) *Sociologia das Religiões*. Lisboa: Relógio D’Água Editores

WOLFF, R. P. (Ed) (1978) *Kant: Foundations of the Metaphysics of Morals*. Indianapolis: Bobs-Merrill Educational Publishing.